

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

*Construir a experiência: apontamentos sobre o real, o ficcional e a temporalidade em 1970*

Building the experience: notes on the real, the fictional and  
temporality in 1970

**Matheus Silva Marciano<sup>1</sup>**

**Resumo:** A década de “1970” se apresenta como um momento de tensões e reelaborações epistêmicas e epistemológicas nos campos das artes, das ciências, da política e da sociedade. Índices de repetições e transformações, em comparação com a epistemologia de “1800”, apontam para diferenciações das formas de se relacionar com a realidade. Com isso, abordaremos questões levantadas por certa crítica literária brasileira e argentina no que se refere à centralidade do real e papel do ficcional para o debate sobre a representação de experiências para a literatura de 70. Por fim, apontaremos como algumas dimensões trabalhadas pela crítica podem sugerir uma mudança na forma de elaboração dos “espaços de experiência” e “horizontes de expectativa” do período.

**Palavras-chave:** Crítica; literatura; temporalidade.

**Abstract:** The “1970s” presents itself as a moment of epistemic and epistemological tensions and re-elaborations in the fields of arts, sciences, politics and society. Rates of repetition and transformation, compared to the epistemology of the “1800s”, point to different ways of relating to reality. We will therefore address questions raised by certain Brazilian and Argentine literary criticism with regard to the centrality of reality and the role of fiction in the debate on the representation of experiences in 1970s literature. Finally, we will point out how some of the dimensions worked on by criticism may suggest a change in the way the “spaces of experience” and “horizons of expectation” of the period were drawn up.

**Keywords:** Criticism; literature; temporality.

1 Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) com projeto “*Tecer o presente: literatura, atmosfera (Stimmung) e afetos – Temporalidades em torno de 1970*”. Integrante do Grupo de Pesquisa em História, Ética e Política (GHEP). Vinculado aos projetos de pesquisa: “*Homo affectus: Fury, love and the roots os Brazil*” e “*A urgência do ético: O giro ético-político na Teoria da História e na História da Historiografia contemporânea*” sob orientação do Professor Doutor Marcelo de Mello Rangel. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1542674092399298>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7208-3760>. E-mail: [matheus.marciano@aluno.ufop.edu.br](mailto:matheus.marciano@aluno.ufop.edu.br).



## Introdução

A proposta deste artigo é, a partir das considerações de Pedro Dolabela Chagas (2018), abordar a emergência de índices de transformações epistêmicas e epistemológicas, que interferem nas esferas culturais, políticas, sociais e artísticas marcantes para certa crítica literária no Brasil e na Argentina que tematizaram literaturas da década de 1970. Deste modo, dos movimentos apresentados pelo autor, as complexidades que envolvem a diversificação das perspectivas sobre formas de narrar a história e as reflexões sobre a fabricação do real nos orientarão.

Acompanhando a proposta de Chagas, podemos considerar que a década de mil novecentos e setenta intensifica questões abertas em 1968, seja pelo maio de 68 francês, ou devido às manifestações estudantis ao redor do mundo, às tensões culturais que aconteciam nos países da América do Sul, às guerras de independência no continente africano desde a década de 50, à resistência às ditaduras, à difusão da pílula anticoncepcional, entre inúmeros outros fatores (DIAS, 2003; HOLLANDA, 1980; 2005; JARDIM, 2017; MAESTRI FILHO, 2017; VENTURA; 2013). Com isso, 1968 passou a agenciar uma multiplicidade de dimensões da existência de forma a conferir ao sistema global “um momento estável, porém imprevisível – um movimento que, semelhante a si mesmo, entretanto nunca se repete exatamente” (CHAGAS, 2018, p. 57). Nesse sentido, “68” se configura, para a década seguinte, como um “atrator estranho” que orientou os anos seguintes, lançando a instabilidade e a imprevisibilidade como *topoi* dos horizontes políticos, econômicos, sociais, artísticos e culturais<sup>2</sup>.

179

---

2 Os complexos movimentos que envolvem os anos 1970 marcam a convivência entre diferenciações e permanências que se colocam em tensão e se metamorfoseiam sem grandes rupturas sistêmicas. Nesse quadro, se torna difícil a estabilização de sentidos outros para a existência, para a orientação de projetos futuros diante do ciclo sistêmico marcado pela emergência e generalização do capital financeiro. Ver:



Portanto, 1968 catalisou a diferenciação de “1970” em relação aos anos anteriores, determinando “o contínuo pós-73” (CHAGAS, 2018, p. 57). Desse modo, o ambiente de setenta reagia e respondia aos índices temporais abertos nas experiências do final da década anterior. A disposição para a ação, para a movimentação antissistêmica em 1968, se parecia com o retorno rápido ao próprio cotidiano, para as formas de vivência contra as quais se rebelavam – seja o Estado; a abertura das profundas feridas raciais pelos movimentos negros em diáspora; a cultura *hippie* e os desbundes; a concordância dos partidos comunistas com as reformas e/ou acordos trabalhistas com os Estados; a percepção de que, principalmente na América Latina, a luta armada era assombrada pela irrealização da possibilidade da revolução; a globalização do capitalismo e do controle estadunidense.

180

Esse quadro, um tanto carregado de tensões, contradições, paradoxos e ambiguidades para os movimentos antissistêmicos, apresentam, de todo modo, formas dispersivas que, mesmo com aspirações mais universais, não abririam mão de suas especificidades locais. Desse modo, as proximidades das mobilizações se dariam naquilo que as distanciava que era a reconfiguração geral das próprias existências através de suas vivências locais, mas com diálogos e relacionamentos histórico-sociais profundos. Em um quadro global, multiplicam-se os índices de ordenação do tempo, diversificam-se as agências e as histórias, reelaboram-se as agendas e as redes de influência, conseqüentemente, impossibilitando sínteses amplas (CHAGAS, 2018, p. 49), colocando a instabilidade e a imprevisibilidade como tonalidades determinantes para as experiências no período.

Sendo assim, a instabilidade e a imprevisibilidade que adentram, ou que passariam a ser determinantes nas orientações pessoais e mais

---

ARRIGHI, 1996.



gerais da existência em “1970”, seriam marcas tanto das tensões políticas, quanto das reflexões sobre a epistemologia e sobre a arte. Nesse sentido, “1970” representaria um momento de atualidade epistemológica para nós, e, ao mesmo tempo, uma diferenciação com relação à “1800”, ao “cronótopo tempo histórico” (GUMBRECHT, 1998). Chagas estabelece os caminhos dessa hipótese através da consideração de que essa diferenciação, ou afirmação da fragilidade da episteme do século XIX, é marcante para a reelaboração dos sentidos que estabeleceram, até meados do século XX, as distâncias entre a “Grande Arte”, a arte popular e a arte de “massa”.

Nesse contexto, o que se intensifica no âmbito da produção artística é a aporia sobre o “real” ser dado e construído, e os impactos para a crítica da arte e para a historiografia. Dito isto, “1970” reelabora, diversificando, os campos da arte e da escrita da história – da ciência de um modo geral – para além do realismo epistemológico fortemente presente no paradigma de “1800”, ao mesmo tempo que não se restringe a construção de um mundo encerrado nos limites da linguagem, tão debatido ao final do século XX e século XXI adentro (RANGEL; DE ARAUJO, 2015).

Pedro Dolabela Chagas, então, realça uma profunda desestabilização de critérios que visavam homogeneizar as formas de conhecer o mundo e as experiências que o constituem. Neste momento, não somente as formas de observação e de conhecimento dos fatos se diversificam, mas os próprios fatos, tornando-os menos disponíveis a enquadramentos em um sentido mais geral da história. Entretanto, esta singularização contextual não se afirma como uma individualização fadada ao relativismo, mas enuncia possibilidades heterocrônicas ainda por serem construídas.



Na mesma medida em que se particulariza, a história se horizontaliza. Toda cristalização – de objetos, gêneros, padrões, estruturas, instituições, hábitos – passa a estar perpassada pela ação do tempo. Mesmo a natureza passa a ser *narrada*: a historicidade se torna inerente à descrição do existente. Nas ciências, a realidade se singulariza em modelos que, universais, pressupõem a eclosão sucessiva da contingência; nas humanidades, ela se singulariza em funções que, conquanto universais, preveem a produção contextualmente específica de fatos e ações, assim como, em reconstruções, contextualmente específicas, de fatos e ações passadas. A conectar as singularidades (produzindo campos macroscópicos) estão modos de relação e interação flutuantes e relativos ao caso, fazendo com que os campos sejam metaestáveis – estáveis porém dinâmicos. Rejeita-se, por fim, o determinismo: em seu lugar, “leis do caos” estabelecem padrões complexos de descrição e expectativas. (CHAGAS, 2018, p. 166)

182 Sendo assim, a emergência de diversas linhas de composição das histórias, das experiências, de pontos de vista e perspectivas, reelaboraram as próprias condições de possibilidades para as diversas formas de conhecer, narrar, representar e experimentar o mundo. Esses movimentos descritos por Chagas dizem sobre uma horizontalização da história, entretanto, apontam também para os próprios limites da linguagem, desnatura os discursos (BHABHA, 1998; CASTORIANDIS, 2000; SAID, 1990) para a descrição do real e das tessituras de tempos que os constituem. Nesse ponto de convergência entre estética, história e episteme, principalmente no que se refere aos seus limites, as reflexões de Chagas sobre a autonomia da literatura são relevantes para o que se segue.

O que o autor descreve com relação a autonomia literária, entrecruzando as discussões com relação aos cortes epistêmicos operados entre “1970” e “1800”, é o tensionamento da própria autorreferencialidade da arte, que demarcava o distanciamento entre o campo da arte e da sociedade. Mesmo as vanguardas “que procuravam instaurar uma



práxis cotidiana baseada na arte”, teriam sido processadas “sob a égide da arte” (CHAGAS, 2018, p. 176).

O que é apresentado, desse modo, é um movimento de historicização dos paradigmas da autonomia da arte, especificamente na literatura para nós, na qual a construção do *éthos* da “Grande Arte” não mais respondia de forma imediata às necessidades de um mundo, o de “1970”. Nesse contexto de horizontalização da arte, tanto a “Grande” quanto a arte de “massa”, tinham de responder às imprevisibilidades da comunicabilidade que se estabelecera – seja pelo mercado editorial; pelo reconhecimento do baixo número de leitores; ou pela imprevisibilidade da recepção.

Não sendo mais a arte unicamente restrita a determinados estratos da sociedade, como na expectativa de um público especializado própria as reflexões estéticas em “1800”, a urgência da convivência entre arte e sociedade, e sociedade e arte recriavam as próprias condições de possibilidade para o fazer artístico. A complexidade da coisa se dá na convivência de conceitos, vivências, experiências que se relacionam constantemente, carregando seus índices de imprevisibilidades, atravessando as repetições que indicariam certa “ordem” sempre assombradas pela emergência de uma outra (des)ordem, mesmo que nunca realizada.

Sendo assim, é a própria temporalidade que parece se movimentar diante das tensões que constroem as experiências, o presente, o passado e o futuro, o real e a ficção. Neste sentido, entendemos que as reflexões críticas que abordaremos mais adiante constituem traços do que mobiliza, como aponta Reinhart Koselleck (2006), as experiências e as expectativas sobre a década de 1970. Para nós, ao girarmos anacronicamente “em torno de 1970”, a partir e através da escritura de Chagas, inúmeros descaminhos nos foram apresentados para uma ten-



tativa de operacionalizarmos algumas tonalidades que nos envolveram no confrontar com a temporalidade do período. Entre as possibilidades que nos foram abertas, o trabalho de Kelvin Falcão Klein (2013; 2021), ao analisar o “estilo paratático” de Hayden White, oferece grande contribuição.

Com relação ao artigo de Klein, para nós cabe a percepção, continuamente reforçada em seu texto, do caráter de fabricação própria à história, ao tempo, tendo em vista que mesmo a partir de um conjunto organizado de fatos, fontes, conceitos, debates historiográficos, há sempre algo em suspensão e que escapa a formação de um quadro homogêneo. Essa espécie de ausência, que se apresenta de forma oblíqua, ou clandestinamente como escrevem Hans Ulrich Gumbrecht (2014) e Eelco Runia (2006), indica uma atitude laboral de tessitura de *tempi* diante de algo que proporciona inflexões e/ou incongruências, mais ou menos intensas, que abrem (exigem?) a necessidade de criação de caminhos possíveis. Em nosso caso, alguns apontamentos sobre a literatura no Brasil e na Argentina exigiram esta postura, se não construtiva, de formulação de especulações.

184

### **Construir, então, caminhos!**

O início e o trajeto pelos quais caminharemos são diversos no que se refere à questão literária no Brasil e na Argentina, entretanto buscaremos os encontros. Acompanhando-se o que destacamos com Chagas, os movimentos e as tensões epistêmicas e epistemológicas que se intensificam na década de 1970 foram realçadas por certa crítica literária do período, abrindo caminhos para a compreensão da construção de leituras sobre as experiências do período. Se, para este artigo, damos mais ênfase a alguns apontamentos críticos sobre a literatura é por



entendê-los como uma dimensão através da qual a própria experiência com o tempo em setenta é constituída.

Entretanto, por quais razões partimos de abordagens críticas e não, mais pausadamente, das próprias obras literárias? As leituras que abordaremos na sequência tematizam as tensões relativas às elaborações do real que se confrontava nas experiências em 1970, os limites de uma literatura que, em alguma medida, construía e interferia na própria constituição das experiências, seja através do narrar as ausências, seja através do realce do que seria aquele Brasil e aquela Argentina. Sendo assim, as reflexões que se seguem atravessam índices de temporalização das experiências tematizadas em algumas literaturas.

Desse modo, é de grande importância o que Reinhart Koselleck escreve sobre “estratos de tempo”. Os “estratos de tempo”, segundo o filósofo alemão, “remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente” (KOSELLECK, 2014, p. 9). Em nosso caso, entendemos que a abordagem da crítica é um plano de tempo relevante para pensarmos a experiência de “1970”, tendo em vista que é marcante no período tanto a tematização do “real”, quanto às formas pelas quais a realidade é (re)elaborada através da literatura, seja através da denúncia ou da intensa busca por caminhos, tendo em vista a temporalização, movimentação, da experiência histórica.

Desse modo, a partir do que Pedro Dolabela Chagas aponta ao considerar a diversificação e a singularização das narrativas, perspectivas e experiências históricas intensificadas no contexto de “1970”, pode-se considerar que as porosidades dos planos estratificados no tempo se tornaram uma questão de primeira ordem a ser tematizada com relação ao que se sedimenta da episteme de “1800”. Os ganhos com a



argumentação de Koselleck são amplos, pois as tensões realçadas por Chagas são, simultaneamente, repetições e diferenciações (KOSELLECK, 2014, p. 23-24). É aqui que, como indicaremos, as reflexões sobre os neonaturalismos e os neorealismos são centrais para a crítica literária dos anos 70 no Brasil e na Argentina.

Dito isso, com relação à literatura brasileira do momento tematizado, o debate sobre os retornos do naturalismo, por parte de Flora Süssekind (1984; 1985), e sobre os retornos do realismo, por parte de Tânia Pellegrini (1996; 1999; 2018) – uma abordagem *a posteriori* – nos instigou a pensar sobre as formas de elaboração da realidade, ou das próprias, com o perdão da redundância, formas de realidade. Em *Tal Brasil, Qual Romance?*, Süssekind expõe que o naturalismo na narrativa literária brasileira em “70”, principalmente o romance-reportagem, retornava através de uma estética jornalística na qual a carência de circulação da informação era aglutinada pela literatura<sup>3</sup>. Vale retermos a percepção do quê a literatura, tal qual tematizada por Süssekind, movimenta ao incorporar a forma jornalística de narração.

Esse parece ter sido o procedimento por excelência do romance-reportagem: *singularizar*. Se não dá para fazer História, narra-se *uma* história. Se não dá para falar de marginalização política, toma-se um Lúcio Flávio, um marginal por personagem. O que se faz é um retrato 2x2 da realidade brasileira. E, como “singularizar”, “particularizar” simplesmente não atraem leitores, foi preciso acrescentar a tal processo um atributo: o naturalismo. É preciso que tais “reduções” produzam impressão de realidade. É preciso que dêem ao leitor-consumidor o que lhe falta. (SÜSSEKIND, 1984, p. 182-183)

---

3 As reflexões sobre o contexto de 1970 são amplas e diversas, atravessando com maior ou menor intensidade a questão da produção artística. Neste sentido, ver: CANDIDO (1989); CHAGAS (2018; 2020); CRUZ (1999); DIAS (2003); FAVARETTO (2019); GASPARI; HOLLANDA; VENTURA (2000); HOLLANDA (1980; 2005); JARDIM (2017); LIMA (1981); LUDMER (2013); MAESTRI FILHO (2017) NOVAES (2005); PELLEGRINI (1996; 1999; 2018); SOARES (2019); SÜSSEKIND (1984; 1985); VENTURA (2013); VIEIRA (2007).



Mas por que retomar esta leitura de Sússekind? As reduções produtoras de impressões de realidades são marcantes sobre, de um lado, a interferência da censura na produção literária, e de outro, e mais determinante para nós, a impossibilidade de particularização da história. Nesse caso, as próprias pretensões alegóricas da literatura naturalista de 1970 não se realizam, pois a experiência particular representada, no caso citado *Lúcio Flávio: o passageiro da agonia*, denuncia e afirma a própria possibilidade apresentada por Flora Sússekind.

De toda forma, como a autora enuncia no início e no final de sua obra, esta pretensão à reconciliação identitária e nacional está, de antemão, cindida, impossibilitada por aquilo que o romance-reportagem supostamente buscava, o retrato de uma realidade escamoteada. Na verdade, esse real é fraturado e o que se realça não é, unicamente, o que é escamoteado, mas sim ignorado por uma classe média em grande medida cooptada. De tal modo que se toca uma estrutura ligada ao passado colonial, ao massacre dos povos originários, ao sistema escravocrata e à constante espoliação e genocídio contra a população afrobrasileira, à estrutura paternalista, patriarcal e heteronormativa da sociedade brasileira.

A pretensão à descrição do real, jogando entre aquilo que é escamoteado e o que se ignora sobre a formação e divisão social do Brasil, segundo Flora Sússekind, diz sobre um ocultamento da ficcionalidade, do trabalho com a linguagem, em prol de uma descrição objetiva dos referentes externos aos textos (SÜSSEKIND, 1984, p. 36-39). Sendo assim, haveria um condicionamento do olhar e da sensibilidade de quem lê para a hipertrofia do referente externo à narrativa. Como tais considerações podem, com isso, ser pensadas no contexto apresentado por Pedro Dolabela Chagas?



Pode-se considerar que a descrição e representação do que se percebe oculto, seja censurado ou escamoteado, acaba por enunciar as ambiguidades e contradições próprias às pretensões naturalistas. Com isso, o ficcional mais do que preterido à descrição do real, passa a atuar obliquamente, ou seja, no próprio trabalho de fazer presente ausências<sup>4</sup>. Com isso, as próprias pretensões naturalistas acabam por expor, na verdade, seus próprios limites diante de um real de difícil estabilização.

No livro *Educação pela noite e outros ensaios*, a terceira parte, na qual é reservada a tematização da literatura na América Latina pelo viés da categoria “subdesenvolvimento”, está o texto *A nova narrativa*. Nele, Antonio Candido (1989) percebe na produção literária de setenta dimensões que realçam nas ficções reelaborações e tensões estéticas próprias ao contexto. Nesse sentido, vale citar um apontamento feito pelo crítico sobre o romance regionalista, ou “romance do nordeste” que acompanha, em alguns aspectos, a leitura de Sússekind sobre o romance regionalista de 1930. Entretanto, o autor realça que:

188

---

4 A obliquidade do ficcional nas obras, seja como recurso que atua contra a censura ou como recurso formal das obras, pode ser percebida no parecer de Antonio Candido sobre *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós. “Admitindo para argumentar e por dever de probidade este plano meramente pragmático e portanto secundário de leitura, que não me interessa enquanto crítico literário, eu concluiria, mais uma vez, pela resposta negativa [sobre a obra induzir, ou não, a atos subversivos] que antecipei no começo. Com efeito, note-se que a partir da página 186 o livro vai tecendo uma série de dúvidas, de proposições alternativas, de críticas ao tipo de atividade descrita. Ressalvando a ambigüidade dos textos literários, o que pessoalmente infiro, se me situo neste plano, é uma sugestão, indireta, não formulada, mas poderosa, contra a subversão. Sugestão contra a eventual inutilidade de tudo que se descreveu. Parece haver no fim do livro, com efeito, uma atmosfera que faz sentir como são inúteis os tipos de ação que nutrem a narrativa; como é negativo o caráter isolado e quase anti-social do guerrilheiro; como é vazia a acção humana que não se enquadra nos desígnios, na vontade dos outros homens, de uma coletividade”. MAUÉS, Eloísa Aragão (2009). Defesa notável. *Teoria e debate*, São Paulo, n. 74. p.35-37, nov./dez. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2007/11/16/memoria-defesa-notavel/>



O que os caracteriza, todavia, é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu *destino* individual. (CANDIDO, 1989, p. 160)

Sendo assim, Candido também realça o *tal, qual* de onde parte Flora Süssekind, entretanto destaca elementos de diferenciação de certa ideia de identidade fundamentada no “cronótopo tempo histórico” que podemos perceber em obras de Antônio Torres (*Um cão uivando para lua* de 1972 e *Essa terra* de 1976) e Benedicto Monteiro (*O minossau-ro* de 1975). Desse modo, pode-se realçar, a partir das concordâncias e discordâncias de Candido e Süssekind, que a literatura movimentou dimensões que constituíram as noções de identidade nacionais, tanto literárias quanto políticas e sociais, que são tensionadas, mesmo que sem pretensões de resolução.

189

Nesse sentido, em um ponto de encontro divergente, o ensaísta reflete sobre a opção pela singularização/particularização, ao comentar que...

na ficção brasileira o regional, o pitoresco campestre, o peculiar que destaca e isola, nunca foi elemento central e decisivo; que desde cedo houve nela uma certa opção estética pelas formas urbanas; universalizantes, que ressaltam o vínculo com os problemas suprarregionais e supranacionais; e que houve sempre uma espécie de jogo dialético deste *geral* com aquele *particular*, de tal modo que as fortes tendências centrífugas (correspondendo no limite a quase literaturas autônomas atrofiadas) se compõem a cada instante com as tendências centrípetas (correspondendo à força histórica da unificação política). (CANDIDO, 1989, p. 203)



Nesse jogo de interpretações de traços mais gerais da literatura brasileira, as repetições que aspiraram a homogeneizar certa imagem de Brasil, disputavam com o próprio fracasso de sua possibilidade, ou seja, a própria fragmentação de uma força histórica de unificação política. O que entendemos ser merecedor de destaque em ambas as abordagens, é a própria tensão das imagens de brasís, ou das aspirações para constituí-las, tendo em vista os limites das representações (que encontramos na possível tentativa de ocultamento do ficcional) e o negativo das “fotografias” que se tenta elaborar (o possível questionamento de quem lê sobre os tons naturalistas das narrativas). Um caminho para pensarmos tais questões é a tematização sobre o tom conciliatório que a incorporação da estética jornalística na literatura indicaria.

190

A incorporação da estética jornalística efetuada pela literatura brasileira em “70”, para Candido, expõe a “legitimação da pluralidade”, não se tratando mais de uma “coexistência pacífica das diversas modalidades de romance e conto, mas do desdobramento destes gêneros, que na verdade deixam de ser gêneros, incorporando técnicas e linguagens nunca dantes imaginadas” (CANDIDO, 1989, p. 209), resultando em textos indefiníveis. Conjugam-se o inesperado e as repetições, para utilizarmos categorias caras à Chagas.

Diante disso, o que acontece é que, diante do quadro apresentado por Sússekind (1985) sobre o panorama da censura e do autoritarismo da ditadura civil-militar, a estética literária absorve, em sua forma, elementos da mídia de massa e do romance investigativo americano. Desse modo, Candido aponta que havia, simultaneamente, uma mudança no relacionamento com quem lê. Se Flora Sússekind vê que “Nessa aproximação à *objetividade* jornalística, nessa heroicização do repórter e na alegorização da violência e das contradições que marcam a sociedade brasileira, o romance-reportagem mais parece um calmante”



(SÜSSEKIND, 1984, p.183), Antonio Candido considera uma relação, ao mesmo tempo, agressiva e envolvente.

Neste sentido, ao retorno da estética naturalista e seu teor conciliatório, se junta uma comunicabilidade agressiva, um “realismo feroz”, no qual o posicionamento “ideológico” era escamoteado devido ao acirramento da ditadura e, também, as respostas positivas do mercado editorial, como no boom de “75” (outra “contradição”) (HOLLANDA, 2005). Traçando o encontro entre contexto político-econômico-social ao estético, Antonio Candido realça a possibilidade de “um movimento duplo de negação e superação” dos traços mais tradicionais ao pacto realista, reafirmado na leitura de Sússekind. Colocando esses movimentos ligados às condições do momento, o crítico destaca a “recusa trepidante e final dos valores tradicionais que regiam a arte e a literatura, como bom gosto, equilíbrio, senso das proporções” (CANDIDO, 1989, p. 212).

191

Guerrilha, criminalidade solta, superpopulação, migração para as cidades, quebra do ritmo estabelecido de vida, marginalidade econômica e social – tudo abala a consciência do escritor e cria novas necessidades no leitor, em ritmo acelerado. Um teste interessante é a evolução da censura, que em vinte anos foi obrigada a se abrir cada vez mais à descrição crua da vida sexual, ao palavrão, à crueldade, à obscenidade – no cinema, no teatro, no livro, no jornal –, apesar do arrocho do regime militar. (CANDIDO, 1989, p. 212)

Sabemos que essa “abertura” da censura é bem relativa, principalmente se considerarmos Cassandra Rios. Entretanto, a circulação de descrições de brutalidades e da banalidade da violência, pensemos também em Rubem Fonseca, acontecia. De toda forma, a objetividade, na descrição de fatos que se retratavam “como se” fossem ficções (ou ficções que atuavam “como se” fossem fatos – não é este o jogo?), si-



multaneamente ao incremento de conteúdos, linguagens, ritmos e enredos mais “próximos” ao cotidiano urbano “de massa” em “70”, realça uma mobilidade *epistêmica*. Entre a leitura fria e cooptada das notícias ficcionalizadas em romances e contos que demarcariam uma classe média pelega, ou muito pouco resistente ao que se confrontava no dia a dia, a posição de cúmplice diante da agressividade estabelecida pelas narrativas, pelo próprio realce à cooptação, cria um espaço de tensão de difícil mapeamento.

As cartografias que incidem na paisagem literária, assim como na política, na arte e na cultura, se embaralham e encontram, muitas vezes, sua vitalidade nas contradições que fazem emergir, como mostram Heloisa Buarque de Hollanda (1980; 2000; 2005), Luiz Costa Lima (1981) e a própria Flora Süssekind (1985). No ambiente que envolve a produção e circulação da literatura (Universidades; Editoras; CPC; PNC; a crítica literária...), é o movimento, mesmo em um momento de censura, que se estabelece.

Esta paisagem, em muito aqui brevemente apresentada por quem escrevera no “calor do momento” ou ainda respirava um mormaço que prefigurava uma chuva que prometia frescor (terá sido realizado?), se desdobra em caminhos que reavaliam, ao mesmo tempo que revitalizam, algumas leituras. Tânia Pellegrini, por exemplo, tematizou os realismos (neonaturalismos; romances-reportagem; neorealismos...) em “70” em algumas obras (1996; 1999; 2018).

Indo de encontro com algumas características já citadas aqui com relação à produção literária do Brasil no período (como a busca por uma identidade; as alegorias; a particularização; os naturalismos; as denúncias...), a crítica de Pellegrini faz dobras nessas considerações realçando nelas a “recusa à noção de ‘obra’ como unidade, como totalidade



completa, autossuficiente e perfeitamente acabada, pois ela resulta do conflito e da contradição de vários processos reais superpostos, que não se anulam dentro dela” (PELLEGRINI, 1996, p. 23). Neste ponto, as incorporações do “não literário”, como a estética jornalística, representam, na verdade, “uma reelaboração dos meios expressivos” (PELLEGRINI, 1996, p. 26).

Como indica Flora Süssekind, a busca por uma identidade nacional acaba por tocar, contrariamente, às fraturas e as impossibilidades dessa realização. Onde haveria, através de particularizações alegóricas, conciliações com a História e com a realidade brasileira, Tânia Pellegrini considera que

É *como se* houvesse uma *quase* identidade entre a obra e a realidade referencial, a manutenção de uma *ténue fronteira* entre o mundo real e o ficcional. Essa *quase identidade*, entretanto, é *irrealizável*, desde que, na alegoria, a ambiguidade e a multiplicidade dos sentidos são traços fundamentais, revelando-se formalmente numa acumulação de elementos e numa fragmentação de sentidos múltiplos. (PELLEGRINI, 1996, p.27)

193

Dessa forma, como acontecerá em outras obras da autora, a estética realista na literatura, mais do que tentar, de algum modo, elaborar um retrato fundamentado na verossimilhança e na totalidade do que se confronta no real, atua nas elaborações de formas particulares “de captar a relação entre indivíduos e a sociedade” (PELLEGRINI, 2018, p. 17). Portanto, a própria possibilidade de uma totalidade e de uma homogeneidade se fragmentava, dando espaço ao “caos urbano, desigualdade social, violência crescente, combinados com a sofisticação tecnológica das comunicações e da indústria cultural, um amálgama contraditório de elementos integrado na globalização econômica” (PE-



LLEGRINI, 2018, p. 17).

194 Sendo assim, seja através da crítica de Süsskind ao eclipse do ficcional em prol das referencialidades, seja através dos desafios que o contexto impunha às tentativas de representar o real, o que encontramos é uma movimentação de camadas de estratos de tempo em busca disso que é a própria experiência. A literatura, o ficcional, nessa perspectiva, não seria, conseqüentemente, uma opção ao que é censurado, mesmo que também o seja, mas um caminho, um trabalho de trazer à superfície índices e dados para a elaboração de experiências e expectativas diante do quadro específico, neste caso, do Brasil em 70. Desse modo, a ficção, mesmo aquela com a maior pretensão ao realismo, sempre vai em direção ao *como se* (LIMA, 2017, p. 63), e a história continuará a ser assombrada pelos limites impostos pela própria linguagem, enquanto um aquém ou um além do acontecimento que se quer escrever sobre (KOSELLECK, 2014).

Nesse sentido, não é que a ficção literária, em suas mutações, incorporações e tensionamentos, teria a pretensão à história; nem que à história, ao estar diante de limites que emergem em “70”, restasse o silêncio. Parece-nos que as profundas ambigüidades e paradoxos que emergem nas vozes da crítica incidem, com isso, nas próprias condições de possibilidade para a construção da *experiência* em “1970”, seja devido ao contexto repressivo, seja devido às “transformações conservadoras” (CHAGAS, 2018, p. 222).

Tentamos, com isso, fazer um deslocamento de “saída” de “70”, visando retornar ao período. Os diálogos entre as possibilidades de entendimento sobre a estética do período, tendo “70” como atrator estranho, ponto de saída e chegada, se desdobram em outras reflexões. Acompanhando-se o que destacamos nas reflexões de Kelvin F. Klein



(2013; 2021), tentamos caminhar alguns caminhos abertos a partir da crítica literária em “70”, nos encontrando com Pellegrini e, agora, com Josefina Ludmer (2007; 2013) e Beatriz Sarlo (1983).

### **A construção da experiência e a falta no real**

Josefina Ludmer, em *Aqui América latina: uma especulação*, registra em diário pensamentos, conversas, *insights*, perspectivas críticas na Buenos Aires nos anos 2000. Chegamos em uma possível contradição, pois pensamos a América Latina em “70” e nos deslocamos para fins do XX e entramos no XXI com Pellegrini e Ludmer. Entretanto, diante deste imbróglio temporal, decidimos acompanhar a inflexão. O que nos cabe apontar é por onde iremos.

No início de sua obra, Josefina Ludmer propõe especular sobre as mudanças e transformações do mundo contemporâneo a partir da América Latina, pois o aparato para a compreensão das experiências no mundo parecem estar se transformando e precisaríamos de “Outras palavras e conceitos, porque não é apenas o mundo que mudou, mas também os modelos, gêneros e espécies nos quais ele se dividia e se diferenciava” (LUDMER, 2013, p. 7). Sendo assim, sua atitude especulativa nada mais seria que, enquanto verbo, pensar e teorizar, tramar, calcular *com* as variantes que surgem, reelaboram, se repetem concomitantemente com e apesar do tempo. Assim como especular como adjetivo, “com o espelho e suas imagens, duplos, simetrias, transparência e reflexos”. (LUDMER, 2013, p. 7)

Mesmo que a autora parta de um contexto em que questões que incidiam no debate sobre a estética literária e a cultura em “70” já estivessem mais ou menos assentadas, existem índices de incompreensão que se estabelecem exatamente por este contexto que se diferencia e



repete setenta. Nesse encontro possível, a especulação a partir daqui, da América Latina, seria assumir uma posição predefinida: que somos os atrasados para o banquete da civilização.

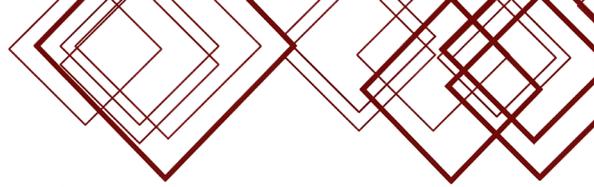
Nesse sentido, o que a autora nos oferece como possibilidade de encontro, uma articulação que abre a comunicabilidade através do tempo, é uma cronopolítica que atravessa o próprio pensamento latino-americano. Conjugando territorialidades e temporalidades, especular é a invenção de um mundo outro, sem exterioridade, um “perpétuo e efêmero” (LUDMER, 2013, p. 9) movimento que dê formas às experiências de modo a fabricar a realidade com “tudo o que circula, o ar que se respira, a teia e o destino. A imaginação pública seria o trabalho social anônimo e coletivo da construção da realidade” (LUDMER, 2013, p. 9).

196

O que Ludmer indica é que no espaço da imaginação pública, o público e o privado, as intimidades e as memórias, a realidade e a ficção se desdiferenciam, “sua lógica, o movimento, a conectividade e a superposição, superimpressão e fusão de tudo que foi visto e ouvido” (LUDMER, 2013, p. 9). Enfim, as ficções latino-americanas atuariam como artefatos nos quais a especulação interfere na imaginação pública como fabricante de realidades, mobilizando as temporalidades e as territorialidades apresentadas nas diversas formas de apresentação e representação das experiências imaginadas e confrontadas.

Assim como no Brasil, as particularizações representadas apontam para dúvidas profundas:

En rigor, casi no podría llamarse historia a ese conjunto de fragmentos, marcados por la interrogación, que constituye la Argentina de estos años. ¿Hay en realidad una historia? Esta pregunta se repite em vários textos y pone de manifiesto la duda sobre si es posible ordenar discurs-



sivamente una realidad cuya lógica parece secreta. Mejor dicho: cuando las formas narrativas mismas desconfían del orden de los hechos, ¿cómo gobernar esa desconfianza segunda, sumada por la Argentina, en un momento de máxima fragmentación de la experiencia social? (SARLO, 1983, p. 10).

Todo o ambiente parece tensionado devido ao relacionamento direto, sem mediações, entre as experiências pessoais e os acontecimentos históricos pois, por exemplo, “A ditadura militar ou a modernização forçada não apenas produzem saltos temporais e rupturas políticas e econômicas; elas penetram na vida das pessoas, entram em suas vidas, decidem seus destinos” (LUDMER, 2013, p. 24). Essas considerações podem ser muito percebidas em algumas obras publicadas no Brasil e na Argentina em/sobre “70”, como *Os Diários de Emilio Renzi* (PIGLIA, 2017; 2019; 2021), que atravessa o intervalo da década de setenta em seu segundo volume, *Cicatrices* (SAER, 1969), em *Dentes ao Sol* (BRANDÃO, 1976) e *Quatro-Olhos* (POMPEU, 1976), entre outras.

197

Algo de comum pode ser pensado pois, como destacamos nos debates da crítica no Brasil, as representações alegóricas, neonaturalistas, realistas nunca alcançam uma ideal identidade homogênea e mesmo quando não operam por fraturas e rupturas, o que emerge é algo faltante ou a possibilidade de *composição* de uma ambiência de agressividade entre texto e quem lê que pode ou não interferir nas imagens do/sobre o “real”. Portanto, tudo se desloca para a esfera do possível, ao ainda a ser, ou não, feito, seja um efeito catártico e conciliatório, seja a alteração da forma de ver certa dimensão da “realidade”. Mesmo Piglia, ao reconstruir seus cadernos em forma de diários através da voz de Emilio Renzi, simultaneamente busca e constrói o tempo vivido em uma vivência que (re)acontece no ato de escritura (MARCIANO, 2022,



p. 109-112).

Às temporalidades que têm nos períodos ditatoriais um exemplo dos saltos desenvolvimentistas que abrem lacunas, se junta um sentido de territorialidade que, na fabricação da realidade, surge como uma articuladora, “uma noção abstratroconcreta” (LUDMER, 2013, p. 110), em que tudo está aí ao mesmo tempo, no mesmo plano narrativo mesmo que deslocados. *Zero* (BRANDÃO, 2019) é um exemplo mais imediato disso, assim como *Respiração Artificial* (PIGLIA, 2010). Não se trata, com isso, somente de momentos nos quais as espacialidades, mesmo que emergindo concomitantemente, são demarcadas, mas nas dimensões em que se conjugam elementos que, seja através de um humor mais ácido visando uma quebra de expectativas quanto ao comportamento de personagens (por exemplo, os contos de Rubem Fonseca em *Feliz Ano Novo*, de 1975), desterritorializam, mais ou menos violentamente, a recepção em suas expectativas.

198

Sendo assim, são os dados para organização das experiências e das expectativas (KOSELLECK, 2006) que se tornam instáveis, movimentando gêneros, conteúdos e formas discursivas. Josefina Ludmer, ao atestar que a literatura do início do século XXI se diferenciaria das literaturas latinas de 1960 e 1970 por abrir mão de identidades literárias, nos colocou a questão sobre nossas próprias considerações. Entretanto, de fato, em “70” não se abre mão dos gêneros, mas há tensionamentos quanto às formas de elaboração das narrativas, dos lugares mais ou menos estabilizados das identidades nacionais-literárias e das personagens, da construção de presentes, futuros e passados fraturados ou da possibilidade de observá-los não pela História, mas por histórias (SARLO, 1983).

Neste sentido, as considerações de Hal Foster são importantes.



No ensaio *O retorno do real*, Foster apresenta um complexo debate sobre o realismo entre os anos 1960 e 1980, do qual, infelizmente, não poderemos nos aprofundar em todos os caminhos apresentados pelo crítico. Se pensarmos em conjunto com Hal Foster, ao escrever sobre o realismo traumático em Andy Warhol, as repetições que as representações do real oferece carregam uma ambiguidade que, simultaneamente, afirma e se defende contra o choque do confronto com a “realidade” (FOSTER, 2017, p. 126-127).

Aqui, não se trata do estabelecimento do que é ou não traumático no real, mas que o trauma é, a partir de Lacan, “um encontro faltoso com o real” (FOSTER, 2017, p. 128). O autor continua: “A repetição, antes, serve para *proteger do real*, compreendido como traumático. Mas essa mesma necessidade também *aponta* para o real, e nesse caso o real *rompe* o anteparo da repetição” (FOSTER, 2017, p. 128). Há, nessa ruptura, uma indeterminação, pois ela não se localiza propriamente no mundo ou no sujeito, mas na própria percepção e na consciência afetada pelas imagens do real. Foster se questiona se, diante da dificuldade de localização deste rompimento, dentro ou fora, sujeito ou mundo, quem lê e obra, não seria isso mesmo o traumático.

Se, como afirmamos, as imagens que são mobilizadas nos realismos, com ou sem aspirações neonaturalistas, de literaturas em “70” tocam, seja como afirmação, negação ou dúvidas, de certa identidade nacional – seja através das descrições alegóricas de experiências, como no Brasil, ou através da identidade literária nacional, como na Argentina –, isto se dá através do que se ausenta na imaginação pública, na construção da experiência. Deste modo, por entre a própria falta, ou “Através desses buracos ou lampejos temos a impressão de quase tocar o real, que a repetição das imagens a um só tempo afasta e aproxima de nós” (FOSTER, 2017, p. 131). Trazendo estas considerações para



o quadro apresentado no início deste texto com Pedro Dolabela Chagas, a consciência da existência de quem escreve, da recepção e de que há sempre contextos se movimentando entre estes entes concomitantemente, desestabiliza a comunicabilidade reelaborando as distâncias, dialetizando-as (DIDI-HUBERMAN, 2015).

De uma forma ou de outra, o que se confronta é com a própria impossibilidade da totalidade e da homogeneidade. Poderíamos nos questionar se os recursos ao alegórico, às histórias singularizadas, a narrativa construída a partir das fraturas e de pedaços do real que sempre jogam com ambiguidades sobre a abrangência das identidades que se enunciam, não expõe indícios de uma necessidade de evisceração de uma realidade que não busca propriamente algo de essencialidades mas o “simples” tocar as vísceras.

200

### **(Im)possibilidades, caminhos e horizontes: Tecer o presente. Uma conclusão.**

Diante do apresentado, até então, nos propomos a caminhar por dimensões que entendemos serem fundamentais para a elaboração dos horizontes em “70”. Ao iniciarmos com as leituras de Pedro Dolabela Chagas, queríamos apontar que em “1970” algumas tonalidades, tendo em vista a literatura, a crítica literária e a historiografia, se intensificaram de forma a orientarem as ações no tempo. A partir da crítica tematizada, entendemos que a questão das representações do real, das reelaborações estéticas e das tensões epistemológicas, não se restringia à questão literária, mas a própria composição do mundo que se vivia e que se abria aos horizontes.

Limites e potências da linguagem, repetições e rupturas nas representações, formação de uma ambiência violenta entre texto e re-



cepção, linearidade e fragmentação na estrutura da narrativa, fracassos e vitórias nas pretensões dos movimentos antissistêmicos... Ao refletirem sobre essas complexidades que giraram em torno de “1970”, a crítica e a literatura nos entregam, então, índices de temporalização das experiências que dali emergem.

Desse modo, pode-se considerar que a permanência ou retorno da centralidade do real, seja como uma crítica com relação a descentralização do ficcional, seja como captadora das relações de sociabilidade, indica, como exposto por Sarlo, a urgência e a problemática da composição da própria experiência vivida. Então, não é propriamente o real e as identidades que se tornam objeto de descrição objetiva ou ficcionalização, mas a experiências, suas ausências e a desorientação quanto a qualquer sentido mais estruturado para o presente e para o futuro, mas também os passados que saem de latência.

201

De fato, ainda estamos diante de literaturas, de livros, de gêneros. Entretanto, as fronteiras se reelaboram nos próprios movimentos de instabilidade quanto às formas de representar este real, quanto ao questionamento sobre uma identidade nacional homogênea e/ou fragmentada – ou ambas simultaneamente –, quanto à denúncia ficcional-jornalística ou uma experimentação “urdigrudi”. Com isso, são literaturas que suspendem, exatamente, estes lugares que garantiriam certa autonomia, para obra e para recepção. O que queremos dizer? Que o que se abre são índices de construção, confirmação, negação, afirmação do que compõe o tempo da comunicabilidade no mundo.

Ora, sabe-se que os relacionamentos entre fictício e o imaginário, a ficção e a história, não são diretos, pelo contrário, são instáveis e não devem ser vistos com ingenuidade (PINTO, 2024). Entretanto, a centralidade dada pela crítica aos realismos e naturalismos presentes



na literatura de “1970” no Brasil e na Argentina nos leva a considerar a centralidade da crítica e da estética enquanto dados marcantes na organização ou “reorganização” da forma como podemos ler as experiências e as expectativas no desenrolar do tempo.

Como apontamos ao longo deste artigo, a pretensão à representação do real através de experiências particularizadas com pretensões alegóricas, acaba por realçar as ausências, as fraturas na própria possibilidade de homogeneidade e totalidade. Com Josefina Ludmer e Beatriz Sarlo, vimos que é o próprio registro da história, através ou não da ficção, em um quadro mais geral, que parece estar impossibilitado e seus limites são reafirmados nas diversas incorporações e reelaborações das formas do narrar. De modo que não é somente a dor e o trauma que intensificam os limites da representação, mas é a própria narrativa da história nacional, revestida do fracasso do progresso, que é tocada enquanto experiência e horizonte.

202

Diante, então, das movimentações expostas por Pedro Dolabela Chagas, que tocam diferentes esferas que constituíram as experiências com/no tempo em 70, pode-se perceber que as particularizações das histórias, a reorientação das agências em um quadro de transformações conservadoras, globalização do capital e acirramento das ditaduras reelaboram a semântica de horizontes voltados para o futuro. Se pensarmos em estruturas de repetição, como escreve Koselleck, estão contidas nas repetições de certos estratos de tempo “as ações singulares e em todas as constelações únicas, executadas ou suportadas por seres humanos igualmente singulares e únicos. Tais estratos permitem, condicionam e limitam as possibilidades da ação humana e, ao mesmo tempo, as geram” (KOSELLECK, 2014, p. 13).

Desse modo, o retorno do realismo, tendo ou não o naturalismo



como tonalidade, ao realçar as ausências tendo em vista uma identidade homogênea, ou mesmo o fracasso na produção de condições de possibilidade de futuros outros, tocam as próprias condições de possibilidade de agência. O realismo feroz, “la duda sobre se es posible ordenar discursivamente una realidad cuya a lógica parece secreta”, as ambiguidades das alegorias, fazem com que o próprio relacionamento com o real reformule as distâncias entre aquilo que se experiencia, o que se representa das experiências e a própria leitura do que é narrado.

Está-se, então, diante de uma dialetização das distâncias, como escreve George Didi-Huberman (2015), entre o acontecido, a elaboração do acontecido e a recepção de um acontecido reelaborado. Considerando-se que a crítica realça que a atenção das narrativas se viram para as experiências sem a proposição de uma conclusão ou uma indicação de futuros, a dinâmica entre as proximidades e as lonjuras com relação ao que se representa, indicam uma possível reelaboração semântica das categorias “espaço de experiências” e “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006, p. 310).

203

De antemão indicamos que, a partir das reflexões que destacamos sobre a crítica literária em 1970, há uma reorganização em que os horizontes se viram para as experiências, enquanto as expectativas se colocam vinculadas às condições mais imediatas de agência. O que queremos dizer com isso? Se considerarmos, com Júlio Pimentel Pinto, a ficção como sismográfico acurado que instiga “a capacidade em ampliar a consciência do passado, de si e do outro, em explorar os estratos plurais do tempo” (PINTO, 2024, p. 37), percebemos que mesmo diante de um tempo que já indica certa hipertrofia de um presente que tenderia a se repetir, a virada do horizonte às experiências, coloca o futuro como matéria urgente a ser trabalhada, tecida, fabricada, construída no presente. Uma busca, mesmo que pessimista, desesperançosa,



marcadamente melancólica, assume um movimento que prescinde da esperança e realça os próprios limites (MARCIANO, 2021; RANGEL, 2023).

## REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. São Paulo : Editora UNESP, 1996.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte (MG): Ed. UFMG, 1998.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Dentes ao sol: ou a destruição da catedral*. Rio de Janeiro, Ed. Brasília/Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Zero*. [14. Ed.] – São Paulo : Global, 2019.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 199-215.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CHAGAS, Pedro Dolabela. *“1970”: arte e pensamento*. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Todos eles romances: a variação do gênero no Brasil, 1960-1980*. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio: entre raízes e radares*. – Rio de Janeiro: Record, 1999.
- DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pensar debruçado*. Lisboa: KKYM, 2015.
- FAVARETTO, Celso. *Contracultura, entre a curtição e o experimental*. – São Paulo: N-1 edições, 2019.
- FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975.



- FOSTER, Hal. *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. - Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. – I. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem : CPC, vanguarda e desbunde : 1960-1970*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- \_\_\_\_\_. A ficção da realidade brasileira. In. NOVAES, Adauto (Org.). *Anos 70: ainda sob a tempestade*. [Rio de Janeiro]: Aeroplano, SENAC RIO, 2005. p. 97-159.
- JARDIM, Eduardo. *Tudo em volta está deserto: encontros com a literatura e a música no tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- KLEIN, K. F. Dissolução do estético e resistência: da parataxe ao terceiro continente. *Remate de Males*, v. 41, n. 1, p. 98–121, 2021.
- \_\_\_\_\_. “Fabricação do presente” em Juan Rodolfo Wilcock. *Landa*, v. 1 n° 2, p. 57-70, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Estratos do tempo: estudos sobre a história*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014
- LIMA, Luiz Costa. IV. Réquiem para a aquarela do Brasil; V. O cão pop e a alegoria cobradora. In: *Dispersa demanda: (ensaio sobre literatura*



e teoria). Rio de Janeiro: F. Alves 1981.

\_\_\_\_\_. *Melancolia: literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LOUZEIRO, Jose. *Lúcio Flávio: o passageiro da agonia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record 1981.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. *Ciberletras - Revista de crítica literaria y de cultura*, n. 17, p. 1-6, 2007.

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MAESTRI FILHO, M. J. (2017). Brasil, 1968: o assalto ao céu, a descida ao inferno. *Revista História: Debates E Tendências*, 8(1), 13-27. <https://doi.org/10.5335/hdtv.8n.1.6869>

MARCIANO, Matheus Silva. “O possível anterior”: temporalidade, afeto e *stimmung* (atmosfera) nos diários de Emilio Renzi – Anos de formação (1957-1967) e Anos felizes (1968-1975). In: *História e afetividades: temporalidade, narrativa e consciência histórica* / [org.] Helena Azevedo Paulo de Almeida... [et al.]. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2022.

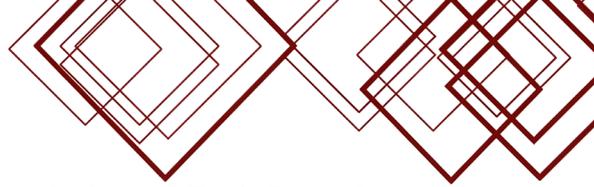
\_\_\_\_\_. *Anos 1970: “Existir, apesar de...” - literatura, melancolia e stimmung: confrontos com a temporalidade*. 2021. 179 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

NOVAES, Adauto (Org.). *Anos 70: ainda sob a tempestade*. [Rio de Janeiro]: Aeroplano, SENAC RIO, 2005.

PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70*. – São Carlos, SP: EDUFScar – Mercado de Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. – Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Realismo e realidade na literatura: um modo de ver o Brasil* – 1. Ed. –São Paulo: Alameda, 2018.



- PIGLIA, Ricardo. *Anos de formação: Os diários de Emilio Renzi*. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2017.
- \_\_\_\_\_. *Os anos felizes: Os diários de Emilio Renzi*. Tradução: Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2019.
- \_\_\_\_\_. *Um dia na vida: Os diários de Emilio Renzi*. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2021.
- \_\_\_\_\_. *Respiração artificial*. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.
- POMPEU, Renato. *Quatro-Olhos*. SP: Alfa-ômega, 1976
- RANGEL, M. de M.; DE ARAUJO, V. L. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015. DOI: 10.15848/hh.v0i17.917. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/917>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- RANGEL, Marcelo. A melancolia benjaminiana: fúria, amor e delicadeza. *Ensaios Filosóficos*, n. 28, p. 150-165, 2023.
- RUNIA, Eelco. “Presence.” *History and Theory*, vol. 45, no. 1, 2006, pp. 1–29. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/3590722>. Accessed 3 July 2024.
- SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SARLO, Beatriz. Literatura y política. *Punto de Vista*, Buenos Aires, ano VI, n. 19, p. 8-11, dez. 1983.
- SOARES, Luiz Eduardo. *O Brasil e seu duplo*. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2019.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance? : Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. 1o. Ed. Rio de Janeiro: Achiarmé, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1985.



TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. *A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 1970*. – 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2007.

Recebido em: 24/03/2024 • Aprovado em 04/08/2024